



A Mordaza nos veículos de comunicação sergipanos- O Caso da Resina em Brejo Grande¹

Matheus Pereira Mattos Felizola²
Fernando Bastos Costa³

Este trabalho teve como objetivo geral analisar como a mídia em Sergipe reagiu a toda a problemática ambiental do estado. A Metodologia utilizada foi a realização da pesquisa bibliográfica, levantamento em jornais sergipanos; realização de entrevista semi-estruturada com um jornalista que denunciou um problema ambiental grave em Sergipe e dezenas de outras entrevistas com ambientalistas sergipanos participantes de organizações governamentais com representatividade no estado. Na busca por uma legitimidade da opinião pública, os movimentos ambientais receberam em alguns momentos a atenção da mídia de massa, embora o movimento ambiental em geral não tenha conseguido sair de nichos específicos e chegar a atingir uma parcela mais representativa da sociedade, pode-se ainda perceber, a profunda relação entre o perfil das lideranças ambientais, a força do capital e os resultados práticos das ações ambientais.

Palavras-chave: Ambientalismo, novos movimentos sociais, desenvolvimento sustentável, associações e ONG.

Introdução

A pesquisa em tela, tinha por objetivo de identificar qual o espaço cedido às mídias alternativas, e fazer uma relação entre a comunicação, cidadania, movimentos sociais e democracia. Não se postulou apenas avaliar as estratégias de comunicação dos movimentos ambientais, mas também o retorno em termos de espaço na mídia das ações ambientais, principalmente analisando os interesses que existiam “atrás das notícias”, usando como corpo teórico Bauman (2007, 2008) e Peruzzo (1998, 2005). Sendo que essa “parte” do trabalho, esteve inserida dentro de um projeto maior que resultou na tese de doutorado “A Trajetória dos Movimentos Socioambientais em Sergipe- Personagens, Instituições e Estratégias de Comunicação”, que teve por objetivo principal estudar o surgimento, o papel, e as possibilidades de reivindicação dos movimentos ambientalistas sergipanos, perpassando por uma análise entre o período de 1983 e 2011. Esse objetivo foi norteado pela questão principal da pesquisa, que foi analisar a relação entre a missão, a estrutura e a ação das Organizações Ambientalistas em Sergipe. A

¹Trabalho apresentado no DT 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 14 a 16 de junho de 2012.

² Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Professor Assistente da Universidade Federal de Sergipe, e-mail: matheusfelizola@infonet.com.br.

³ Orientador da Pesquisa. Doutor em Ciências Sociais, vinculado ao doutorado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, e-mail: fbastos@ufrnet.br



pesquisa surgiu da necessidade de mapear e avaliar criticamente o movimento ambiental em Sergipe.

Os procedimentos metodológicos focaram a pesquisa bibliográfica, levantamento nos jornais sergipanos num hiato temporal de 28 anos, análise detalhada de nove “movimentos” selecionados e entrevistas em profundidade, semi-estruturadas, com atores sociais ligados ao tema. Como conclusão, observou-se que o ambientalismo em Sergipe, desde o seu surgimento, esteve associado ao resgate da consciência com relação ao meio ambiente, no combate a problemas de degradações locais, e na busca por uma legitimidade da opinião pública. É importante ressaltar que o enfoque principal desse artigo, esteve ancorado em um caso típico que reforça o posicionamento da mídia em Sergipe no tratamento dado a questão ambiental.

2- Metodologia da pesquisa

Em relação diretamente a questão da análise dos veículos de comunicação em Sergipe. Foram investigados, durante sete anos de pesquisa, os seguintes jornais: Gazeta de Sergipe⁴ entre 1972 até março de 2004 (quando o jornal acabou de publicar) e Jornal de Sergipe entre 1978 até 1992 e do Jornal Correio de Sergipe⁵ de 2004 até 2011 outros jornais foram citados por nossos entrevistados e ganharam atenção a partir do que foi relatado nas investigações iniciais, foram analisadas, também edições dos jornais Tribuna da Praia⁶ de 2003 até 2011, do Portal Infonet,⁷ entre os anos de 2000 e 2011, do jornal Tribuna Cultural,⁸ de 2001 até 2011.

A ideia de buscar esses veículos de comunicação impressa foi mesclar diversas fontes, dentre os interesses que existem por trás das notícias, focalizando jornais que estivessem mais próximos da realidade das instituições investigadas, embora a formação do pesquisador seja na área de comunicação, não se procurou nessa análise, fazer juízo de valor das matérias veiculadas, nem mesmo uma análise de discurso ou de conteúdo das matérias, pois isso fugiria do objetivo geral da pesquisa “mãe” que era analisar qual

⁴ O Gazeta de Sergipe foi um jornal fundamental para a História de Sergipe, tendo sido fundado por Orlando Dantas em 1956 e fechando seu ciclo definitivamente em 2004. Orlando Dantas era uma das figuras mais interessantes da história de Sergipe, filho de rica família de Usineiros, tornou-se escritor, jornalista, político e defensor do Meio ambiente. Em relação à importante história do Jornal, existe uma monografia intitulada “Memórias Empoeiradas da Gazeta de Sergipe”, das autoras Flávia Martins e Joana Côrtes do curso de Jornalismo da Universidade Tiradentes-UNIT.

⁵ Jornal fundado em janeiro de 2001, sendo ligado ao grupo político do ex-governador e ex-ministro João Alves Filho.

⁶ O Tribuna foi fundado em 2003, inicialmente como tablóide simples e a partir de 2004 como jornal digital. O seu proprietário Claudomir Tavares da Silva foi um dos entrevistados da pesquisa, devido a sua atuação na área de meio ambiente, principalmente na cidade de Pirambu, tendo sido participante de vários movimentos sociais. É importante relatar, que na cidade de Pirambu, outra liderança fundamental para o meio ambiente, foi a senhora Dayse Rocha, antiga bióloga do Projeto Tamar na Região, e que em 2011 morava no Rio Grande do Sul.

⁷ O Portal Infonet, é o mais lido em Sergipe, com o avanço da comunicação no meio digital, tornou-se imprescindível investigar esse portal, que tem uma coluna dedicada ao tema meio ambiente.

⁸ Jornal A Tribuna Cultural, o jornal foi criado em 2001, tendo como proprietário o senhor Magno de Jesus.



o perfil dos movimentos ambientais *Stricto Sensu*⁹ e Socioambientais¹⁰ em Sergipe. Traçar esse comparativo pôde auxiliar na investigação de quais os movimentos sociais e ONGs que tiveram maior “relevância” ou maior espaço no Estado de Sergipe, embora, de antemão, seja importante observar que os dados oriundos na pesquisa comprovam o fraco envolvimento com a mídia local em assuntos relacionados à área ambiental, em função da pressão dos grupos políticos e de seus arranjos econômicos que “diminuem” o “interesse” na publicação dos Jornais, dado esse que vai ficar mais claro durante a explanação das notícias.

Em relação à explanação das notícias, optou-se pela exposição em diversos momentos do texto, foi criado um roteiro para selecionar os jornais, buscou-se, inicialmente, fazer uma triagem das matérias relacionadas com o meio ambiente. Caso a matéria tivesse relevância para a pesquisa, seria avaliada de forma aguçada. O roteiro analisava se o problema era realmente ambiental, e se fosse, qual o principal tema abordado na matéria? Se a matéria tratava de assuntos relacionados com o meio ambiente internacional, nacional ou regional? Caso os dados fossem relacionados com temáticas ambientais regionais buscava-se analisar quais os movimentos sociais citados.

Essa questão é bastante discutida com Cristian Goes, principal jornalista¹¹ ligado à temática ambiental do Estado, que em uma corajosa entrevista, pode “dissecar” um pouco os arranjos dos governos e da Construção Civil no Estado, essa pesquisa relata e interpreta os acontecimentos surgidos quando da divulgação de um artigo no qual o Jornalista citado faz graves acusações a CELI¹² uma das principais construtoras de Sergipe.

É importante mencionar que foram durante o trabalho de pesquisa, ainda foram investigadas as lideranças da Associação Sergipana de Proteção Ambiental ASPAM 1983-1998, o Movimento Popular Ecológico- MOPEC (1991-) e o movimento Pensar Verde, que nunca foi registrado, mas que teve participação fundamental na segunda

⁹ O ambientalismo *Stricto Sensu*: associações e grupos comunitários ambientalistas que podem ter uma conduta que os classifiquem em profissionais, semiprofissionais e amadores). A partir da percepção de diversos atores que serão analisados posteriormente como Boeira, Viola, Leis, Leff e outros.

¹⁰ Na perspectiva de Leis (1996, 106), “o socioambientalismo abrange uma vasta variedade de organizações não-governamentais, movimentos sociais e sindicatos, que têm incorporado a questão ambiental como uma dimensão importante de ação”.

¹¹ O Jornalista entrevistado foi o senhor Cristian Goes, funcionário do INSS, ex presidente do sindicato dos jornalistas de Sergipe, fez denúncias em 2008 contra a CELI, um das mais importantes construtoras do Estado de Sergipe. É importante destacar a profunda ligação do jornalista com a ala “Xiita” do PT, em Sergipe. O que torna mais corajosa a sua afirmação, pois durante toda a década de 2000 e início da década de 2010, existe uma profunda união do PCdB (partindo que administra a prefeitura de Aracaju) com o PT.

¹² Construtora fundada em 1968, tendo fundamental importância na construção das principais obras públicas e condomínios residenciais no Estado de Sergipe.



metade da década de 1980 e início da década de 1990, principalmente por ter sido o embrião do Partido Verde no Estado de Sergipe. A pesquisa não se limitou apenas a estudar esses dois movimentos, avançando o estudo para outros “movimentos” de grande repercussão estadual: O Instituto Árvore (2003), Organização água é vida (1998), Sociedade Semear (2000) e o Movimento ciclo Urbano (2007), ADCAR- Associação Desportiva, Cultural e Ambiental do Robalo e OSCATMA/BC e a Organização Sócio-Cultural Amigos do Turismo e do Meio Ambiente da Barra dos Coqueiros/SE. Dentro ainda da percepção de Viola e Leis (1992), o ambientalismo religioso não foi investigado e o ambientalismo socioambiental ganhou uma importância fundamental no trabalho, pois algumas ONGs investigadas podem ser enquadradas nesse formato, embora o ambientalismo não seja seu único foco de atuação. O foco específico foi os estudos de casos múltiplos, onde foi possível examinar acontecimentos contemporâneos e sua capacidade de lidar com uma ampla variedade de evidências científicas, e pela possibilidade da comparação entre as diversas realidades. Embora novamente reforçando que devido ao pequeno espaço do artigo, não permitir um aprofundamento maior da pesquisa.

3- Referencial teórico

3.1- Os caminhos da comunicação ambiental

O campo da comunicação ambiental, e suas interações entre o ambiente, a tecnologia e a sociedade é fundamental para atualização dos problemas das ciências sociais. A ciência ambiental tornou-se um campo fértil para a discussão da grande mídia, onde comumente é a arena onde também são travadas as lutas sociais e pautada a agenda política que, de forma contundente, acabam influenciando a opinião pública. A relação entre as empresas particulares e as ONGs em Sergipe é algo marcante. A associação entre as empresas jornalísticas e essas empresas privadas é obviamente ainda mais marcante. Foi possível perceber nos jornais sergipanos um enfoque dado à relação pacífica entre as organizações e as empresas privadas. Interessante observar esse clima, pois a pesquisa que se iniciou na tese em 1983, foi realizada muitos anos antes da proliferação do que veio a ser chamado de marketing ambiental, sendo que, nesse período, já eram percebidas diversas ações estratégicas por parte de grandes empresas locais e notou-se que a variável ambiental foi inserida nas estratégias corporativas, do mesmo modo como vem se apresentando nos mercados e na economia global. Sendo



assim, conceitos como, responsabilidade socioambiental, sustentabilidade, marketing ambiental e economia verde ganham espaço crescente nos ambientes empresariais, a partir da visão de (Boeira 1998, 2003; Borges 1997; Borges 2009, 2010; Cavalcanti 1994,1997, 1998; Chacon 2003).

Os próprios ideais do movimento ambiental internacional acabaram influenciando na formulação de agendas multilaterais, que passaram a adentrar na discussão de maneira impactante, pois são carregadas de *slogans* que reforçam a vitrine do “anticapitalismo”, embora os movimentos não tivessem um planejamento alternativo para o futuro da humanidade. Um problema seria como proporcionar a grande massa o acesso a esses veículos especializados, e como desenvolver produtos midiáticos (revistas, jornais, conteúdo na internet) a partir das assessorias de comunicação dos movimentos sociais.

Outro ponto relevante é a amplitude do termo movimento social, pois se torna evidente que, nem todas as esferas do ambientalismo brasileiro podem ser consideradas um movimento social, pois alguns grupos têm uma atuação de pressão ou de interesse direto na matéria e outros grupos solicitam as mudanças de perfil em relação à alimentação, à cultura, questionando o próprio conceito de qualidade de vida. Acrescente-se ainda, que o sucesso do ambientalismo provém da sua melhor adaptação às condições de comunicação e mobilização dentro do paradigma tecnológico, se comparado a outras forças sociais, seja pela habilidade de criação de eventos que chamam a atenção da mídia, como também pela utilização de tecnologia de comunicação com destreza, tal qual a Internet.

O conflito entre o sujeito anti-partidário e a estratégia de tomada do poder, ou de simples influência na esfera pública enquanto posição ideológica trouxe consequências negativas para o “desempenho” do ambientalismo em Sergipe. Os propositores transitaram sempre com bastante receio nessas discussões, pois é típico dos movimentos sociais, a crítica às ações estatais, e, conseqüentemente, existe certo afastamento frente ao trabalho público direto, sendo típico das ações ambientalistas a valorização da liberdade, individualismo, da criatividade e de um humor crítico frente às mazelas sociais. Essa postura “sarcástica” ficou extremamente marcada pelas ações “cinematográficas” do Greenpeace nas décadas de 80 e 90, com suas baleias infláveis e seus barcos gigantescos, que aparentemente estavam dispostos a enfrentar toda a “tirania” dos governos dos países desenvolvidos. Em Sergipe, a criatividade poderia



estar aflorada nas ações dos grupos ambientais locais, possivelmente a “desculpa” fosse a falta de conhecimento técnico, mas aparentemente faltou real interesse em “constranger” as autoridades públicas.

É fato que o ambientalismo entrou na moda, Aldunate Balestra (1998), ao analisar como a mídia retratava a temática ambiental, mostra que por um lado existe um maior interesse da mídia pela temática ambiental, mas que o interesse aparentemente está focado em temática global e passam longe da problemática Chilena, e que as questões ambientais são incluídas por serem “novidades, o que gera uma reflexão. E quando o ambientalismo sair da moda?

Embora ações isoladas tenham furado o bloqueio, percebe-se a falta de noção dos movimentos ambientais em Sergipe, com a força da comunicação comunitária e principalmente com a comunicação alternativa.

É importante mais uma vez reforçar, que durante a pesquisa inicialmente pensou-se em fazer um estudo mais aprofundado das temáticas envolvidas, mas durante o trabalho, notou-se que os jornais sergipanos não ajudariam a elucidar as questões ambientais no Estado, portanto a divulgação ou não dos movimentos sociais, não foi observado para o “corte” da pesquisa, sendo que a maior “riqueza” da pesquisa, está nas entrevistas concedidas pelos principais ambientalistas no Estado.

3.2- Os Jornais em Sergipe

Em uma pesquisa importante para o meio ambiente em Sergipe, Campêllo (2007), analisa quantitativamente as matérias relacionadas com o meio ambiente no jornal Gazeta de Sergipe, entre os anos de 1972 e 1992, e em relação aos movimentos ambientais, ela afirma.

Os movimentos sociais, dentre eles associações de bairros e entidades ambientalistas, foram ouvidos em 4% do total das matérias. Uma das possíveis causas da baixa procura destes movimentos como fonte para as notícias é a dispersão destes, gerando a desproporção da notícia. Os movimentos sociais foram ouvidos em temáticas como “Poluição”, “Devastação”, “Convênio”, “Projeto” e “Estudo”. Os convênios, projetos e estudos divulgados pelo jornal tiveram em suas grades, professores pesquisadores da UFS e membros de movimentos ambientalistas do Estado, como a ASPAM. Isso nos remete a uma característica importante do perfil dos líderes e dos movimentos ambientalistas do Estado; eram, na sua maioria, intelectuais e pesquisadores ligados à academia. (CAMPÊLLO, 2007, p.185)

No dia 30 de setembro de 1984, o jornal de Sergipe trouxe em sua capa a notícia da morte de uma árvore, o então presidente da ASPAM, o senhor Clovis Franco,



mandou mudas novas para plantar no local. A matéria alerta que a árvore foi “assassinada” com a injeção de produtos químicos. Essa matéria retrata que existia na cidade certa preocupação ambiental, faixas pretas foram colocadas no local (que ficava próximo ao centro da cidade) e mostra que existia por parte desses ambientalistas noções sobre as leis ambientais, e a matéria tenta pressionar a prefeitura para tomar atitudes contra os agressores. Algumas matérias acabam enfocando temas transversais¹³, relacionadas com o meio ambiente, sem em momento algum fazer uma reflexão mais aprofundada ou dar espaço para os ambientalistas sergipanos se manifestarem. Mesmo nessa entrevista, não aparece em nenhum momento a figura do assessor de comunicação do movimento, o que comprova que as lideranças serviam de “relações públicas” dos movimentos ambientais em Sergipe. Um dado que corrobora com a análise de Campello, é que nessa reportagem apenas Clóvis Franco é ouvido de forma contundente.

Em 31 de julho de 1988, na edição do Jornal de Sergipe, a matéria indicava perigo na área da treze de Julho (bairro nobre de Aracaju), mostrando problemas ligados à questão do lixo, avanço de água do mar. Na edição seguinte, é possível observar dados sobre a reserva de Santa Isabel, em local conhecido como ponta dos mangues e que estava tendo problemas com relação à invasão de casas em terreno do IBAMA onde as tartarugas marinhas faziam sua desova.

Tanto o Mopec como a ASPAM, participaram de atos públicos relacionados com a questão do aterro da 13 de Julho, na edição de 6/06/1991 no jornal Gazeta de Sergipe foi possível perceber o esforço dos grupos para impedir a atitude de aterrar uma área de mangues importantes para o ecossistema da região. Quanto a essa ação Genival Nunes (ASPAM) lembra que a população local estava do lado dos grupos ambientais, ele cita inclusive que em uma das passeatas do início da década de 1990, eles chegaram a passar no calçadão do Bairro e “receberam aplausos e papel picado”. Como

¹³ No dia 30 de novembro de 1982 na edição do Jornal de Sergipe, temos uma matéria que retrata o primeiro encontro ligado a área ambiental no Estado o IX encontro de órgãos estaduais do Meio Ambiente do Nordeste, promovido pela SUDENE e a secretaria Especial do Meio Ambiente, do Ministério do Interior, com apoio e participação da ADEMA de Sergipe, o principal foco de discussão ambiental nesse momento em Sergipe, era o decreto de desapropriação da Serra de Itabaiana, o próprio jornal alerta que a Serra está sendo “queimada, cortada, servindo de material para firmas de construção após 4 anos de muita badalação e pouca ação”

Jornal de Sergipe, 30 de setembro de 1989 no, relata a falta de água na região de Nossa Senhora das Dores .

Jornal de Sergipe, 26 de setembro de 1989, relata a greve dos pescadores causou a diminuição dos peixes

Jornal de Sergipe, 10 de agosto de 1989, trás matéria relacionada com a matança de milhares de peixes e camarões.

Jornal de Sergipe, 09 de agosto de 1989, denuncia que o parque da sementeira só serve aos ricos.

Obs: O que chama a atenção é que todos esses assuntos envolvem questões ambientais, mas em momento algum as ONGs sergipanas foram convidadas a debater o assunto.



conclusão, é possível indicar que na década de 1980, devido à falta de profissionalismo na área de comunicação das ONGs locais, muitas matérias não contavam com a participação das lideranças, não por falta de interesses dos órgãos da imprensa, mas por falta de uma assessoria mais profissionalizada para buscar pautas que fossem importantes para a causa ambiental. Essa situação da falta de profissionalismo, só mudaria na terceira fase do ambientalismo.

A ASPAM ainda teve algumas matérias ligadas ao tema ambiental no Estado relacionados à defesa dos mangues no interior do Estado, principalmente no litoral Sul, a preservação da Serra de Itabaiana e principalmente no tocante à preservação do mangue da 13 de Julho. Fez ainda uma denúncia no Jornal da Cidade na edição de 10 de abril de 1994, retratando a problemática da obra da orla da Atalaia- Aracaju.

Um pensamento de Giddens (2010) chama atenção, pois vai de encontro, basicamente, a esse pensamento das organizações populares “as ONGs gostam de se retratar como o Zé povinho enfrentando os gigantes da indústria, mas, na verdade sua influência tornou-se muito grande.” (2010, p. 152). Evidentemente que análise de Giddens estava ancorada na arena da comunicação na Europa, pois no nordeste sergipano, em nenhum momento, as ONGs tiveram estruturas tão grandes nesse período, embora seja possível concordar com o poder de influência técnica, pois segundo todos os entrevistados, a opinião das ONGs era respeitada pela grande mídia. Outra questão importante no período foi a pouca influência das empresas privadas na comunicação ambiental.

Esse ponto foi abordado na entrevista com Lisaldo Vieira (MOPEC) para o entrevistado “[...] no início nem mesmo as empresas sabiam o perigo das notícias envolvidas com o meio ambiente, as empresas não tinham especialistas tratando do assunto antigamente”. As empresas privadas sergipanas, não tinham conhecimento aprofundado da questão ambiental na década de 1980 e início da década de 1990, só a partir da Rio-92 e do início da pressão nacional contra os abusos ao meio ambiente, que essas instituições tornaram o meio ambiente um assunto pautado pelas suas assessorias de comunicação e desenvolveram estratégias mercadológicas, voltadas para aumentar a respeitabilidade em função das suas práticas.

Uma pesquisa importante para entender o movimento ambiental em Sergipe foi realizada por Oliveira (2008) que investigou a AMABA - Associação de Moradores e Amigos do Bairro América, fundada em 1983, mas que na verdade lutava contra o



problema da poluição oriunda da fábrica de cimento Portland, desde a década de 1970 esse movimento, embora tenha uma grande relevância, não foi estudado, devido à falta de uma liderança que tenha participado por mais tempo da luta ambiental e principalmente da brevidade de suas ações. Mas é importante fazer essa ressalva, pois demonstra que, mesmo na década de 1970, já existiam conflitos ambientais em Aracaju. Uma questão que chama a atenção na análise do movimento ambiental em Sergipe foi o formato comunicacional das ações da AMABA, embora Oliveira (2008) não tenha aprofundado o estudo na área da comunicação, ela trás um importante relato do tipo de manifestação desse grupo.

As principais estratégias de atuação junto aos moradores foram abaixo-assinados, passeatas, faixas, pichações nos muros da fábrica, entrevistas aos jornais e emissoras de rádio, depoimentos nas missas, panfletos, carros de som para convocar os moradores para as reuniões, encenações de grupos de teatro nas escolas e cartazes. (OLIVEIRA, 2008, p.96).

Oliveira (2008) ainda relata que a AMABA ainda contou com a ajuda dos professores da UFS e da imprensa local, para relatar todos os problemas surgidos devido à construção da Fábrica, algo que chama atenção é o espaço cedido na mídia para a divulgação dos problemas sofridos com a chegada da fábrica de cimentos.

Afere-se nessa visão de Oliveira, que a participação das ONGs no primeiro momento do ambientalismo em Sergipe esteve muito associada à comunicação popular e em uma maior aproximação com os formadores de opinião internos nas comunidades. Esse formato de comunicação foi percebido por outros autores, na visão de Massoni (2007, p.105), “Esses movimentos sociais se organizaram simplesmente a partir de uma interface, uma conexão com os interesses e necessidades atuais dos atores em relação a uma problemática particular que os mobilizou” os movimentos, nessa primeira fase, não tinham noção de planejamento de comunicação, provavelmente por isso, não tiveram maior poder de penetração nos veículos.

4- Análise da Pesquisa

Uma questão que suscita discussões no Estado de Sergipe seria como o processo de criação dos problemas ambientais, por se tratar de um ponto estratégico de análise, os maiores problemas ambientais em Sergipe surgem de reais necessidades da população? Ou as pautas do movimento ambiental sergipano estiveram atreladas aos interesses dos participantes dos movimentos? O que é um problema ambiental? São questões complexas e que caberiam proposições subjetivas, o que Hannigan (2009) alerta, é que a própria



criação do problema tem ligação direta com o impacto que terá na sociedade. A partir desse ponto vem à legitimação pública, que pode sofrer da influência, do próprio respeito da sociedade pelo grupo ambiental, pode surgir da “palavra” técnica de algum cientista da área, ou de uma estratégia muito bem elaborada de marketing, que crie a expectativa da emergência de um problema que na verdade não tem tanta representatividade. A ação propriamente dita que pode surgir na compilação de novas leis de mobilização que chamem a atenção da grande mídia, de reuniões em conselhos ambientais, em audiências públicas e que dependem sobremaneira das duas ações anteriores. Em outras palavras, a “gravidade” do problema, está diretamente relacionada como os problemas são compilados, apresentados e contestados. Ainda na visão de Hannigan (2009) a abordagem científica é comumente utilizada quando se avalia riscos ambientais, sendo a perspectiva comumente usada pelos formuladores de políticas públicas.

A percepção de Hannigan (2009) é que a questão ambiental passa por três etapas, no primeiro momento necessita chamar a atenção, ganhar legitimidade perante a sociedade e, a partir dessas duas características anteriores, ganharem real ação das pessoas. Um caso emblemático para entender o ambientalismo em Sergipe foi a denúncia realizada em 09/12/2008 no site INFONET (principal portal de notícias do Estado, embora não tenha um caráter jornalístico mais aprofundado) em texto extremamente grave e polêmico, um dos principais jornalistas sergipanos e ex-presidente do sindicato dos Jornalistas de Sergipe, faz uma grave denúncia quanto às ações de uma das principais construtoras do Estado de Sergipe, a seguir um trecho da entrevista em que o jornalista fala um pouco da especulação imobiliária na cidade de Aracaju.

Quem chega a Aracaju pela primeira vez fica impressionado com a quantidade de condomínios imobiliários, muitos de alto luxo. São áreas e mais áreas tomadas por conjuntos de prédios. Os terrenos livres somem. A cidade, por exemplo, já não tem mais lugar para expansão. O município vizinho da Barra dos Coqueiros e quase toda costa de Sergipe já foram tomados. Quando se apura melhor, percebe-se que o grosso dessas grandes áreas pertence, em verdade, a duas ou três grandes construtoras, as “donas” do pedaço. Esse oligopólio das terras só estabeleceu graças à conivência criminosa do poder público.

O jornalista Cristian Goes, faz uma reflexão acerca dos desmandos das empresas ligadas à área da construção civil, algo já alertado por outros entrevistados. O autor ainda argumenta que essas ações “criminosas” tiveram o aval do poder público. O autor



continua o artigo fazendo mais declarações polêmicas, fazendo agora associações entre o espaço dado na imprensa sergipana às denúncias e o comando das construtoras.

Para se tornar o que são algumas construtoras estabeleceram vínculos com os poderes do Estado. O porquê delas terem relações íntimas com o poder público? O porquê delas participarem com o financiamento de campanhas eleitorais? O porquê delas estabelecerem relações com setores do Judiciário? Elas montam pactos fortíssimos com os mais variados segmentos. Por exemplo, será bondade delas torrar pequenas fortunas com publicidade em jornais, rádios e TVs em Sergipe? Será gratuito sempre mandar mimos para jornalistas, geralmente para alguns editores?

No artigo, é possível compreender as ações de assessoria de comunicação e marketing ambiental das construtoras, que através de *press-kit*¹⁴ fornecidos à imprensa, acabam recebendo atenção diferenciada no tocante às causas ambientais. Talvez essa informação auxilie na análise de Lisaldo Vieira (MOPEC), quando a liderança afirma que “[...] antes era mais fácil fazer ações de comunicação ambientais, hoje em dia é tudo muito complicado, as empresas entenderam o perigo das denúncias” outro ponto impactante da análise de Cristian Goes no artigo, é que na sua visão as “fortunas” torradas em espaços na grande mídia Sergipana, estão ligadas diretamente a necessidade de “calar” os veículos frente à problemática ambiental no Estado.

Em relação à denúncia propriamente dita Cristian Goes, faz a seguinte declaração

Em setembro de 2007, a construtora Norcon, que se diz uma das maiores do Nordeste, anunciou a uma comunidade miserável de pescadores artesanais de Resina, um povoado às margens do rio São Francisco, em Brejo Grande, que ela teria “comprado” aquela área, que ali seria construído um poderoso resort para abrigar americanos e europeus para jogar golf, e que todos os moradores da Resina teriam que deixar aquele espaço. No máximo, algumas meninas mais ajeitadinhas poderiam ser contratadas como serviçais dos ricos turistas estrangeiros. O detalhe é que os pescadores artesanais e tradicionais da Resina nasceram e cresceram ali e isso data da década de 40, quando se começou a povoar aquela área.

O caso teve repercussão direta nos formadores de opinião, vários sites de revistas em Sergipe publicaram a denuncia, os ambientalistas repassaram essa denuncia em dezenas de veículos na internet, atualizações constantes em redes de relacionamento também foram perceptíveis, e a informação foi copiada em diversos blogs, embora os jornais impressos obviamente não tenham feito qualquer alusão ao artigo. Um dado

¹⁴*Press-kit* é uma tática bastante conhecida nas assessorias de comunicação de grandes organizações, seria um pacote que acompanha cada release com brindes promocionais, amostras de produtos, fotos profissionais de divulgação e convites para eventos e credenciais da imprensa, com claro interesse de aumentar o potência da divulgação, essa ação embora bastante comum, não foi verificada em nenhuma ONG em Sergipe.



importante em relação à denúncia, estava relacionado à própria figura do autor da reportagem, o senhor Cristian Goes, poucos anos antes era presidente do sindicato de jornalistas, e mesmo fazendo denúncias contra os próprios editores dos veículos, não sofreu qualquer tipo de sanção, o que poderia ensejar que existia veracidade em sua declaração. A partir dessa denúncia, fundamental para entender a comunicação na terceira fase do ambientalismo em Sergipe, surgiu a necessidade de fazer uma entrevista direta com Cristian Goes, autor das denúncias, quando indagado a respeito das conseqüências que a ação trouxe, na visão do autor.

Como meu artigo foi censurado, eu acabei distribuindo por e-mail para as pessoas que eu conhecia. Aí ele se espalhou pelo mundo como vírus. Foi publicado em vários blogs independentes. Na mídia “oficial”, aqui, nos rádios, jornais, TVs, nada, nenhuma linha ou espaço. Graças à pressão via internet, o artigo foi postado onde tinha sido censurado, mas eu fui processado judicialmente pela construtora. Ela pediu R\$ 200 mil de indenização. Na audiência, o dono da construtora – de forma surpreendente – informou que estava encerrando a ação, que queria apenas me conhecer pessoalmente e passar as explicações, e o mais importante, que não tinha mais interesse na área da Resina, que estava desistindo do projeto. Bom, só depois fiquei sabendo o porquê disso. Primeiro porque o MPF conseguiu na Justiça Federal declarar a área como área da União, isto é, impossível passar para a construtora. Segundo porque a empresa tinha recebido vários e-mails de compradores estrangeiros de apartamento de altíssimo luxo desistindo do negócio em razão das notícias – pela internet – da ação predatória da empresa na Resina. Bom, apesar dos apertos pessoais, o resultado foi muito bom. Não paguei nada, não fui condenado, divulguei pelo mundo um problema grave numa área perdida em Sergipe e o melhor, hoje os pescadores tradicionais da Resina são “donos” de suas terras.

Esse caso emblemático, serve para explicitar dados colhidos nas próprias análises dos jornais Sergipanos, e, principalmente, nas entrevistas com ambientalistas sergipanos, pois a maior parte das lideranças afirmam que o “as construtoras são responsáveis pela maior parte da problemática ambiental no Estado”. É interessante observar que lideranças de ONGs fundamentais para Sergipe, como a Sociedade Semear, passam longe de alguma consideração frente à problemática em torno da questão da especulação imobiliária, e basicamente não tem qualquer ação propositiva. No tocante a essa temática Scherer-Warren (1999, p.89) tece alguns comentários.

[...] degradação ambiental, o desenvolvimento predatório, o desrespeito à natureza, o desperdício e o consumismo, a remoção compulsória de populações em decorrência da construção de grandes obras, o desrespeito às terras e culturas dos seringueiros, indígenas e ribeirinhos, a poluição e a degradação da vida nas cidades e vários outros problemas ambientais, foram campos de conflitos que mobilizaram as ONGs ecologistas [...]



Quando indagado a respeito do que impediria a grande mídia sergipana de divulgar os conflitos e os problemas ambientais? Na entrevista cedida o jornalista faz uma análise contundente.

A grande maioria da mídia sergipana não divulga e nem vai divulgar os problemas ambientais por razões claras. Ela recebe muita verba de publicidades das grandes e médias construtoras, do Governo do Estado e da Prefeitura de Aracaju (a mídia local é financiada por esses atores). Juntando-se apenas os gastos anuais do Governo e da Prefeitura são mais R\$ 30 milhões. Nenhuma publicação será feita que possa contrariar a lógica do capital envolvido nesse negócio. Às vezes se faz aqui ou acolá uma matéria sobre algum crime ambiental, mas tudo muito superficial, sem buscar as causas, sem tocar nas figuras, empresas e personalidades envolvidas nos crimes ambientais.

Considerações Finais

Interessante observar que a prefeitura de Aracaju durante toda a década de 2000, tenha usado o Slogan “Aracaju, cidade da qualidade de Vida” como estratégia de marketing, com o intuito de reforçar a preocupação do estado com questões básicas da cidadania. “Alvarez (2007, p.274) verificou algo muito parecido quando investigou a situação de Cubatão em São Paulo “o uso da expressão” vale da vida” para referir-se a Cubatão, pode significar uma estratégia de marketing que visa apenas retratar novos investimentos industriais. A própria criação de parques ecológicos no município pode ser vista como parte dessa lógica”

A questão ambiental foi despertada em Sergipe, principalmente na Universidade Federal de Sergipe, por professores envolvidos diretamente com o meio ambiente em suas pesquisas. Os professores, principalmente do curso de Geografia e de Biologia, acabaram influenciando os alunos para que formatassem os primeiros movimentos organizados. O movimento social em Sergipe, começa urbano e não tem uma ligação direta com os problemas rurais, na verdade a problemática ambiental era transversal aos problemas sociais, esses movimentos não eram populares, eram na verdade movimentos elitizados, pelo menos de forma cultural, e as demandas não estavam diretamente relacionadas com questões cruciais para os participantes, pois eles não dependiam diretamente dos recursos oriundos do meio ambiente e nem mesmo trabalhavam diretamente na área.

O segundo momento do meio ambiente em Sergipe surgiu a partir da década de 1990, principalmente a partir da Eco ou Rio 92. A explosão das ONGs ambientalistas não teve um “eco” em Sergipe, pois não foi registrado nesse período, um crescimento



exponencial das organizações não governamentais. Na verdade, o que aconteceu, foi justamente um reposicionamento dos próprios movimentos, que de forma mais inteligente começaram a buscar outras possibilidades de apropriação. Os conflitos ambientais continuavam surgindo em Sergipe. O interior passava por problemas relacionados com a seca, e em Aracaju existia o problema da poluição das praias e dos rios e a questão da especulação imobiliária, que destruiu o mangue sergipano.

Nesse período também surge um “boom” ligado ao crescimento do turismo sergipano, diversos hotéis começam a surgir com uma proposta ambiental e utilizando pouca mão de obra sergipana. Antigos pontos referenciais para a questão ambiental começam a ser proibidos para a população, os parques na capital ganham nova configuração e a população, em geral, talvez embalada com a questão da Amazônia, começa a pensar em nossos santuários ecológicos, o ecoturismo começa a ser profissionalizado no Estado e grupos de pesquisa ganham força na Universidade Federal de Sergipe. Algumas pessoas começam a buscar o meio ambiente, não apenas como possibilidade de um mundo melhor, mas como diferencial competitivo frente ao mercado. A mídia escrita acaba publicando muito pouco em relação aos conflitos ambientais, aparentemente sem um interesse de envolvimento com esses conflitos, pois as construtoras que são as suas principais financiadoras “loteiam” a cidade de Aracaju, modificando o seu plano diretor. O texto em tela, trouxe a reflexão de um dos principais jornalistas enfocados na área ambiental do Estado, e pode comprovar um arranjo político extremamente estratégico nas relações entre os órgãos públicos e os veículos de comunicação de massa.

Referencias Bibliográficas

ALVAREZ, Isabel Aparecida Pinto. **Nos meandros da planície: Industrialização e Meio Ambiente em Cubatão**, in: Paulo Henrique Martinez (org.). História ambiental paulista: temas, fontes, métodos. São Paulo: Senac, 2007.

ALDUNATE BALESTRA, Carlos. **Las nuevas temáticas ambientales y La opinión de los diários**. Amb. y Des., Vol. IV - N° 3: 87-92. 1988.

_____. **El factor ecológico: Las mil caras del pensamiento verde**. Santiago: LOM Ediciones, 2001.

BAUMAN, Zygmund. **Vida líquida**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2007.

_____. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadorias**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2008.

CAMPÊLLO, Lorena de O. **S.O meio ambiente em preto e Branco: a mensagem ambiental nas páginas do Jornal Gazeta de Sergipe (1972 – 1992)**. Dissertação



(Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2007.

GIDDENS, Anthony. **A política da mudança climática**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

HANNIGAN, John A. **Sociologia ambiental**. Editora Vozes. Petrópolis. 2009.

OLIVEIRA, Valéria Maria Santana. **Movimento Social e Conflitos Socioambientais no Bairro América - Aracaju/ SE: O caso da companhia de cimento Portland de Sergipe (1967-2000)**. Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento sustentável e meio ambiente. São Cristóvão-Sergipe. Prodepa-ufs, 2008.

PERUZZO, Cícilia Maria Krohling. **Comunicação nos movimentos populares**. 3 edição. Petrópolis: Vozes, 1998.

_____. **Mídia regional e local: aspectos conceituais e tendências**. Revista Comunicação & Sociedade. São Bernardo do Campo: Póscom-Umesp, a. 26, n. 43, p.67-84, 1o. sem. 2005.

SCHERER-WARREN, Ilse. **Cidadania sem fronteiras: Ações coletivas na era da globalização**. São Paulo: Hucitec, 1999.